



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, tipografia e litografia, Calçada do Cambro, 38-A, 2.º  
Lisboa — 1.ª C.ª T.ª  
Endereço telegráfico: Talha-Lisboa — Telefone 5339 C.  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## NO CAMINHO DO COMUNISMO

As pessoas tam obtusas e tam insensíveis a profunda agitação espiritual dos tempos que não vêm, não comendem nem querem ver que a humanidade vai a caminho de novas normas de vida, que afirmem para sempre a justiça na sociedade. O momento é, evidentemente, de transição, de gestação, de preparação; mas não é menos o nível que na consciência do homem operário uma mudança tam profunda que a ordem actual de coisas é irremediavelmente injusta e infeliz para restabelecer a ordem moral do mundo.

Interessante é discutir o problema da base da possibilidade de subsistência de um mecanismo que se funda no privilégio duma classe em detrimento das restantes, por outro lado, cuja base económica descansa num materialismo e nas conveniências individuais dos detentores da riqueza. Não vamos cair na vulgaridade de que a ordem actual de coisas é irremediavelmente injusta e infeliz para restabelecer a ordem moral do mundo.

Interessante é discutir o problema da base da possibilidade de subsistência de um mecanismo que se funda no privilégio duma classe em detrimento das restantes, por outro lado, cuja base económica descansa num materialismo e nas conveniências individuais dos detentores da riqueza. Não vamos cair na vulgaridade de que a ordem actual de coisas é irremediavelmente injusta e infeliz para restabelecer a ordem moral do mundo.

Interessante é discutir o problema da base da possibilidade de subsistência de um mecanismo que se funda no privilégio duma classe em detrimento das restantes, por outro lado, cuja base económica descansa num materialismo e nas conveniências individuais dos detentores da riqueza. Não vamos cair na vulgaridade de que a ordem actual de coisas é irremediavelmente injusta e infeliz para restabelecer a ordem moral do mundo.

Interessante é discutir o problema da base da possibilidade de subsistência de um mecanismo que se funda no privilégio duma classe em detrimento das restantes, por outro lado, cuja base económica descansa num materialismo e nas conveniências individuais dos detentores da riqueza. Não vamos cair na vulgaridade de que a ordem actual de coisas é irremediavelmente injusta e infeliz para restabelecer a ordem moral do mundo.

Interessante é discutir o problema da base da possibilidade de subsistência de um mecanismo que se funda no privilégio duma classe em detrimento das restantes, por outro lado, cuja base económica descansa num materialismo e nas conveniências individuais dos detentores da riqueza. Não vamos cair na vulgaridade de que a ordem actual de coisas é irremediavelmente injusta e infeliz para restabelecer a ordem moral do mundo.

Interessante é discutir o problema da base da possibilidade de subsistência de um mecanismo que se funda no privilégio duma classe em detrimento das restantes, por outro lado, cuja base económica descansa num materialismo e nas conveniências individuais dos detentores da riqueza. Não vamos cair na vulgaridade de que a ordem actual de coisas é irremediavelmente injusta e infeliz para restabelecer a ordem moral do mundo.

Interessante é discutir o problema da base da possibilidade de subsistência de um mecanismo que se funda no privilégio duma classe em detrimento das restantes, por outro lado, cuja base económica descansa num materialismo e nas conveniências individuais dos detentores da riqueza. Não vamos cair na vulgaridade de que a ordem actual de coisas é irremediavelmente injusta e infeliz para restabelecer a ordem moral do mundo.

Interessante é discutir o problema da base da possibilidade de subsistência de um mecanismo que se funda no privilégio duma classe em detrimento das restantes, por outro lado, cuja base económica descansa num materialismo e nas conveniências individuais dos detentores da riqueza. Não vamos cair na vulgaridade de que a ordem actual de coisas é irremediavelmente injusta e infeliz para restabelecer a ordem moral do mundo.

Interessante é discutir o problema da base da possibilidade de subsistência de um mecanismo que se funda no privilégio duma classe em detrimento das restantes, por outro lado, cuja base económica descansa num materialismo e nas conveniências individuais dos detentores da riqueza. Não vamos cair na vulgaridade de que a ordem actual de coisas é irremediavelmente injusta e infeliz para restabelecer a ordem moral do mundo.

Interessante é discutir o problema da base da possibilidade de subsistência de um mecanismo que se funda no privilégio duma classe em detrimento das restantes, por outro lado, cuja base económica descansa num materialismo e nas conveniências individuais dos detentores da riqueza. Não vamos cair na vulgaridade de que a ordem actual de coisas é irremediavelmente injusta e infeliz para restabelecer a ordem moral do mundo.

Interessante é discutir o problema da base da possibilidade de subsistência de um mecanismo que se funda no privilégio duma classe em detrimento das restantes, por outro lado, cuja base económica descansa num materialismo e nas conveniências individuais dos detentores da riqueza. Não vamos cair na vulgaridade de que a ordem actual de coisas é irremediavelmente injusta e infeliz para restabelecer a ordem moral do mundo.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

O nosso museu. É uma surpresa para os nossos leitores a fundação do nosso museu, museu admirável que atrairá, decerto, a Portugal todo o estrangeiro curioso, principalmente os ingleses altos, rosados e louros, acompanhados de misses altas, rosadas e louras, que percorrem todas as partidas do mundo, espalhando o ouro pelos hotéis chics, museus, praças e terras. Faz mais o nosso museu pelo desenvolvimento do turismo do que todas as campanhas jornalísticas e a Sociedade Propaganda de Portugal.

Os valiosíssimos objectos que se encontram em nosso poder, cuja descoberta vem sendo anunciada de há muito em pequenas localidades, são de molde a entusiasmar todos os que se interessam pela arte, pela indústria, pela mecânica, grafia, etc. Passamos a enumerar as preciosidades: uma tampa de prata de riquíssima execução artística; uma carteira com dinheiro; três molhos diversos de chaves modernas ultimo modelo; um tubo de uma bomba de ar; quarenta coupons confederais; uma caderneta de conta com dinheiro e uma sandalia de criança; sandalia velha, é certo, mas toda impregnada de graça inimitável dos pequeninos.

Os visitantes a quem estes objectos interessam directamente — porque os tenham perdido — devem dirigir-se à administração de A Batalha, onde se encontram depositados enquanto não se acaba de construir um maravilhoso palácio no Parque Eduardo VII, feito especialmente para conter, em vitrines artísticas, tam formosas obras de arte.

Viva o rei! Lembra-se de quem diziam os republicanos a respeito da realza, no tempo da monarquia? Não é preciso repetir. Agora que se apanham no poleiro, agora que a coroa foi trocada pelo barrete frígido, é ver a maneira como um rei e uma rainha são recebidos pelos bons republicanos. Para estes últimos a realza — diziam — é sempre a realza, é sempre uma tirania que esmaga o povo. «Viva o rei!» exclamava antenamente um jornal que tem a aparência de republicano. Os outros que não dão vivas ao rei recebem de braços abertos. Nunca vimos que inimigos se abraçassem, a não ser que estejam representando uma comédia ignóbil. Os republicanos são contra o rei, seja ele qual for. Se o abraçarmos e beijarmos, não são republicanos são monarquistas, são partidários da tirania, invertidos dum principio. Belo. O rei da Bélgica vai ter uma recepção admirável. Soltar-se há vivas ao rei e teremos a impressão da realidade: estamos numa monarquia de barrete frígido.

— E que nos dizem às procissões? — perguntamos. Respondem os bons republicanos, no auge do seu entusiasmo: — Viva o rei, viva!

Isto só se pode comentar com o padre-nosso...

A formosa Cacilhas é uma formosa localidade à beira-rio plantada. O bom proletário, de tradições liberais, ama-a, venera-a, porque ali vai passar, ao domingo, o seu pedaço de tarde, entreteendo o estômago com margarina. O sol, as moscas, o estêreo tornam Cacilhas um ponto admirável para permanecer. Os burros, os guisados estridentes e o vinho espumante formam o orgulho da civilização portuguesa. Mas isto não basta. Os católicos, amigos do país e da... república, querem tornar mais célebre láfora, engrandecer mais a fama da formosa Cacilhas. Aproveitam para isso a chegada dos soberanos belgas para fazer uma procissão, para passear pelas poucas e estreitas ruas as imagens divinas. Cacilhas estará hoje mais atraente do que nunca, mais bela, mais perfunada. Os burros, personagens católicas e importantes devem fazer parte do cortejo religioso. Tudo isto é realmente interessante, deve constituir um espectáculo deslumbrante. E porque não há-de, portanto, o operário, que admira Cacilhas sob todos os seus aspectos, deixar o trabalho por meio dia — porque vale a pena — e ir até à outra margem aplaudir freneticamente a grande palhaçada religiosa que há de levantar o prestígio português, ante os olhares do mundo inteiro?

Em Espanha. Os ferroviários andaluzes ameaçam declarar-se em greve.

MALAGA, 31. — Os ferroviários andaluzes dizem que se porão em greve no caso da Companhia não aceder às petições ultimamente feitas no congresso ferroviário. — Rádio.

Terminou a greve dos tipógrafos em Santander.

SANTANDER, 31. — Os tipógrafos aceitaram as bases propostas, tendo já esta manhã aparecido os jornais. — Rádio.

Longe de melhorar, a situação agrava-se em Barcelona.

BARCELONA, 31. — Continúa a greve dos metalúrgicos a qual já se tornou extensiva às outras profissões, incluindo alfaiates e modistas.

Aumenta o número de sábricas paralisadas ascendendo o número de grevistas a 35.000. Também se encontra paralisado o serviço dos eléctricos.

Foi constituído um tribunal de arbitragem composto de 24 membros (patrões e operários), presidido do sub-secretário do trabalho, tendo por fim solucionar o conflito.

O temporal contribui para ainda mais agravar a situação.

Regressou o capitão general, tendo convidado os patrões a encerrarem os estabelecimentos. — Rádio.

## A CIDADE...

## A COSTUREIRA

Nos dias de inverno, curtos e aborrecidos, sombrios e chuvosos, a costureira espera ansiosamente o fim da tarde para abandonar o atelier, onde o seu trabalho decorre monótono, alinhavando coletes, paletós, calças e parrásias. Quando as primeiras luzes se acendem, estendendo sobre os passados humidos longos tapetes brilhantes, ela solta do peito débil um profundo suspiro de alívio, arruma a costura e de manda do patrão as suas ordens. Nada mais é preciso. Pagou com um dia de pesada labuta algumas horas de escassa liberdade. Depois de verificar ao espelho da loja o seu penteado ao alto, o pó de arroz carmesim e a pintura vermelha dos seus lábios, abandona, na companhia doultras escravas gentis, a oficina suntuosa e baletada.

Quem vê passar a costureira galante, tam pronta para a chálua e para o motejo, ignora quanto essa mulher franzina e sorridente sofre, quanta miséria vai pelo seu lar, quantos desgostos enlutam a sua almainha cedente de felicidade. A vida da costureira é uma vida de martírio. Nasce entre choros e vive na dor.

O casquinho de abafo, coçado e de moda; os sapatinhos reluzentes, de cabedal ordinário, que lhe imprimem no andar elegância e graça; o perfume forte que embriaga os caixaldrinhos de faniaria; tudo quanto é artifício e a torna sedutora, é adquirido à força de sacrificios sem fim. Limita-se a uma sopa agitada para comprar um laço, priva-se de possíveis comodidades para obter um Grandela blusas. Tudo nela é feito de bocadinhos; a elegância é uma ficção, o avaral arrastado salvo do abandono ou do lixo por seus dedos frágeis e diafanos.

A costureira é a miséria feita graça, a pobreza transmutada em sedução. Se lhe dirigires a palavra, leitor, sua resposta tem o tom de uma criança que tem a aparência de republicano. Os outros que não dão vivas ao rei recebem de braços abertos. Nunca vimos que inimigos se abraçassem, a não ser que estejam representando uma comédia ignóbil. Os republicanos são contra o rei, seja ele qual for. Se o abraçarmos e beijarmos, não são republicanos são monarquistas, são partidários da tirania, invertidos dum principio. Belo. O rei da Bélgica vai ter uma recepção admirável. Soltar-se há vivas ao rei e teremos a impressão da realidade: estamos numa monarquia de barrete frígido.

Se pegares numa heroína de romance barato — a marquesa caridosa ou a condessa ativa de aparência e terna de coração — lhe vestires uma blusa vistosa ou o casquinho de abafo, lhe meteres no bolso duas cédulas de meio tostão para drops ou outros comes de petiz — aí tens a costureira lisboeta. Não se pode conhecer a sua alma sem ter lido Contreras ou Luis de Val, sem conhecer os hábitos dos garotos, nem ter visto os andaluzes parisienses, *denier* *eri*, que andam aos pontapés entre trapos e linhas pelos ateliers. A costureira é um misto de figurino francês, de hábitos agorçados e de paixões românticas, mal-disfarçadas nos risos estridentes que lhe ouves, quando ela passa, com os grandes ranchos, troçando de tudo e de todos.

E' geralmente ambiciosa. A predilecção pelas heroínas dos romances a fasciava, onde a condessa milionária aparece sempre boa e amiga dos pobres; o contacto com as freguezas ricas, a quem provam os vestidos caros; o gosto pelos filmes de entrecos amourosos, que decorrem em ambientes chics, plenos de sofás cómodos, mobílias ricas e bibelots exquitos, criam-lhe no cérebro largo campo onde a inveja e a ambição medram à vontade. O perpétuo contraste da vida ideal que sonha e do misero casebre que habita, dos trapos deslavados que veste e do trabalho estafante que executa, tornam-lhe a ambição mais forte; mais tenaz o desejo de ser rica e admirada por altos personagens.

O trabalho já mais a conduzirá à fortuna — sabe-o também. Põe, portanto, toda a sua esperança num casamento rico. Espera todos os dias, ao sair de casa ou da oficina, encontrar-se com um rapaz rico, bonito e meigo, que lhe diga:

— Costureira gentil, mereces melhor sorte. Apareço-te para alívio de tuas penas, para dar-te a vida de requintada ociosidade que desejavas. Amo-te. Serás minha mulher e viverás festejada nos salões, entre sedas e ouro, pedrarias cintilantes e perfumes de Lubin.

Esse dia nunca chega. E se ela confiante e fraca se atreve a esperar por muito tempo, trabalhando sempre à sobre-possa, um dia verá, com espanto, as suas mãos mais diafnas, a pele do rosto mais transparente, as olheiras roxas e fundas. E' a tuberculose que vem premiar seu trabalho, colorindo-lhe os lábios pálidos com o sangue vermelho dos pulmões aviados.

Entretanto, enquanto a doença libertadora dum vida de trabalho e de esperança não lhe vibra o primeiro golpe mortal, a costureira sempre confiante, como os sebastianistas, em ver surgir o novo rio numa manhã nublada e fria de nevoeiro, vai entreteendo seus dias namorando todo o caixeiro que vista moda e lustre o cabelo com carradas de cosmético. O caixeiro espera-a à saída do atelier, leva-a ao cinema, pagando a entrada com sacrificio ou solicitando dum amigo uma borla de jornal. Se o cavalheiro rico, o deus da fortuna não vem, a costureira desanima; os anos não perdoam e os vinte e tal decorrem mais

## POR MELHOR SITUAÇÃO

## UM ALFAIATE GREVISTA

explica a "Batalha" as causas da greve e o que  
:: mais adiante, se verá — e vale a pena ver ::

A classe dos alfaiates está em luta por melhor salário e, como é habito velho da burguesia entregar-se ao jogo rasteiro da calunia, atribuindo as culpas do preço exagerado dos fatos para as costas duma classe que não ganha para comprar pão, resolvemos procurar a camarada na sede do sindicato que nos dissesse de sua justiça.

Logo que o encontramos fizemos-lhe uma pergunta ironica: — Então sempre é verdade que vocês, ganhando uma fortuna, ainda querem mais dinheiro para arruinar o país, os industriais, as forças vivas, etc., etc., etc.?

O nosso camarada sorriu e respondeu-nos: — Não, meus amigos; nós fomos para a luta porque a carestia da vida para a classe nos impeliu; fomos para a luta porque temos carradas de razão; fomos para a luta porque os 3500 diários que um oficial ganha e 2500 que uma costureira recebe, nada valem em face do preço dos generos, que nos são vendidos pelas forças-vivas, que para aí dizem nós queremos arruinar...

E iria por ali fora apresentando razões sobre razões, argumentos sobre argumentos, se nós, já suficientemente esclarecidos sobre as causas da greve, não quisésemos saber qual era a atitude tomada pelos industriais em face das reclamações. Atalhámos então:

— Que resolvem os industriais?

Os industriais ora resolvem ora não resolvem. — A ditadura duma comissão de patrões.

— Nada tem resolvido, ou melhor, resolveram dar 15 e 30 0/0, respectivamente para o pessoal interno e externo...

— E vocês — iamos a perguntar. Mas o nosso interlocutor não nos deixou terminar, dizendo:

— Depois de terem concedido os 15 e 30 0/0 arrenderam-se, retiraram estas percentagens. E ultimamente voltaram a oferecê-las.

— Mas... — Que reviravoltas, não é verdade? — e continuou — os industriais tem uma comissão, que exerce sobre eles uma espécie de ditadura, obrigando-os a manter-se intransigentes, de contrário, ao tempo que haviam posto termo ao conflito.

— Essa comissão não é formada por industriais? Não tem os mesmos interesses a defender?

— Industriais são, de facto, — sentenciou o nosso amigo — mas como servem a alta freguesia, não se importam de ter as oficinas encerradas porque de ter desforrar-se há de todos os prejuizos. De maneira que a comissão vai prejudicando a maioria dos industriais com o prolongamento do conflito. O que tem mais graça — e não se esqueça o camarada de o dizer lá na Batalha — é que esses industriais da elite, da comissão, que tam intransigentes se mostram já vão cobrando aos fregueses a quantia que eles dizem corresponder ao novo salário... que não nos pagam.

— Vocês não tem umas oficinas sindicais?

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— Temos, sim.

— E conseguem bom resultado?... — Excelente resultado, mesmo.

— Bem, e quais são os fins que querem atingir com essas oficinas? — perguntámos.

— Dois: amparar os grevistas mais necessitados e proporcionar ao público uma economia de 100 0/0.

— E quanto ganham os que nessas oficinas se empregam?

— Aquil que reclamamos. Sabem — acrescentou o grevista entusiasmado — dirige-te a trabalhar nas oficinas um técnico que trabalha há trinta anos pela arte. Esse técnico oferece um prêmio de 300\$000 a quem apresentar uma casaca mais bem feita do que a que se encontra em exposição na sede do sindicato.

— Pensamos para commosso que senta o técnico pobre e não tendo provavelmente os rezentos escudos, não os ofereceria se não estivesse bem seguro do seu trabalho.

— Pensam em continuar com as oficinas depois de terminado o movimento?

— Se o operariado e o público responderem aos esforços empregados pela comissão instaladora das oficinas é certo que ficarão definitivamente.

Serão elas que devem regular, então, os preços, fazendo frente à ganância dos industriais. Podem crer, camaradas, que os industriais de alfaiataria são quem mais rouba o público, actualmente.

O moral da classe é excelente, as oficinas sindicais são um grande recurso para resistência.

— Parece que eles tem querido desmoralizar a classe em luta — dissemos.

— Sim, mas até hoje só tem conseguido o contrário. A classe cada vez está mais unida. E tanto que a classe está unida que aprovou o seguinte — mostrou-nos uma carta que damos a seguir à estampa:

A Ex.ª Comissão dos Industriais d'Alfaiataria. — Ex.ªs Senhores: — Os operários alfaiates, reunidos em sessão magna, nas salas da Associação dos Caixeiros de Lisboa, em 25 do corrente, resolveu por unanimidade nomear uma comissão com plenos poderes para resolver este litigio até final resolução manter íntegras as suas reclamações. — Saude e fraternidade. — Lisboa 26 de Outubro de 1926. — A comissão de negociações: António dos Santos, Carlos Silva, Francisco Henrique Salde, Celestino Afonso dos Santos, António Simão Amaro, Abel Sales.

— Como podem os industriais apregoar a nossa desmoralização, depois de terem recebido um officio nestes termos? — perguntou-nos o nosso camarada logo que acabámos de ler.

— Efectivamente caluniam — respondemos nós.

— As suas palavras — acrescentou — são baseadas numa requintada má fé, sobretudo pretendem render-nos pela fome. Mas a classe tem grande recurso de resistência: as oficinas sindicais para os mais necessitados e a grande moral da classe que é já hoje ineffectiva.

Após isto, o tradicional aperto de mão e demo-nos por satisfeitos.

## AS GREVES

## O movimento nacional dos ferroviários

## A Confederação Geral do Trabalho e o governo

Foi ontem profusamente distribuido ao público um manifesto da C. G. T. explicando como decorreram as negociações entre os ferroviários e o governo para a solução do conflito.

Depois de relatar o inicio e as causas da greve o manifesto relata como foi tratada a questão pelo governo, fazendo ressaltar a incompetência deste e principalmente do ministro do Comércio que mostrou a sua ignorância completa sobre o assunto. O ministro do Comércio preferiu também começar as negociações sobre a questão material, quando os grevistas queriam salvaguardar acima de tudo a parte moral.

Melhor do que nós, o manifesto põe as coisas nos seus devidos termos, por isso recordarmos uma das partes mais importantes para completa elucidação dos leitores.

Em face das reclamações dos grevistas fez umas míseras alterações às subvenções constantes do decreto e appareceu, noutra conferência, dizendo: «isto aqui não é negociação de sardinha, não estamos na Praga da Figueira». A subvenção é isto. O governo não dá mais. No entanto, o sr. ministro, aqui cede, além me levando, lá foi fazendo as mangas em face da sigla e arranjando, com a ajuda do técnico — e sempre sobre números em parte inseguros — mais umas míseras para os esfomeados...

E' de notar que as subvenções que em última análise o governo oferece são em substituição das que os ferroviários já auferiam antes do decreto 7.015 e já antes da guerra, e que eram, para a maioria, de 54.000, devendo, portanto, deduzir-se nas subvenções agora em promessa, essas quantias.

Os resultados a que se chegou, depois da transigência dos ferroviários sobre a primitiva reclamação de 10.000 a acrescentar à subvenção que já venciam, foram os seguintes:

Empregados incluídos nos grupos 4.º, 5.º, 6.º e 7.º da tabela do decreto 7.016, chefe e sub-chefe do serviço de saúde, 60.000, sendo a reclamação de 80.000; guardas-barreiras de retretes e de camera (mulheres), bolleiros, praticantes de estação, aprendizes, até 4 anos de pratica e inspector sanitario de mercadorias, 30.000, sendo a reclamação de 50.000; todo o restante pessoal do serviço activo, 60.000, sendo a reclamação de

Havia várias reclamações de ordem moral. Entre ellas, porém, avultavam os decretos 7.014 e 7.015; o primeiro criando uma comissão de melhoramentos... na qual os ferroviários tiveram em minoria e que se visa a atacar a Associação de Classe; o segundo estabelecendo um regime disciplinar violento e inaceitavel, militar e arbitrário.

Queriam os ferroviários a revogação pura e simples destes dois decretos. No entanto, com o seu desejo de por termo ao conflito, e de retomar o trabalho, de não prejudicar o país, chegaram ao ponto de transigir na acção da Comissão de Melhoramentos — contrária ao seu baluarte, a Associação de Classe — de não introduzirem modificações que fossem introduzidas, e aceitavam também a suspensão do decreto 7.015 ou sua substituição pelo regime disciplinar de 1890, ou seja o que visavam ao tempo da monarquia, visto que, por isso mesmo, deveria já ser draconiano!

Acceitou o governo apenas parte das modificações indicadas quanto ao decreto 7.014 da Comissão de Melhoramentos e negociou em absoluto, a revogar, suspender, substituir ou alterar o decreto 7.015 que envolvia a disciplina disciplinaria, arbitrária e violenta, decreto que o próprio ministro do comércio reconhece ter feito com precipitação e com receio de ser revisto com serenidade — porque com serenidade não fora feito.

Não podiam pois, os ferroviários voltar ao trabalho com um regime disciplinar



onário e perigoso, sendo portanto de grande importância a solução do conflito nestas bases—mesmo que fossem de aceitar as nossas condições.

E está o país a mercê de um governo incompetente para resolver as questões que se apresentam a todo o momento, questões que requerem conhecimentos e boa vontade para serem resolvidos.

### Nota oficiosa

Do Comité Central dos Ferrovieiros de Portugal

A pesar de se ter atingido um mês de greve, todos os ferroviários do Estado se mantêm unidos e dispostos a prosseguir na luta, mantendo-se o movimento em toda a linha com a maior firmeza. Ao serviço nas linhas do Sul e Sueste encontram-se apenas 5 máquinas, das quais duas se devem inutilizar em breves dias. As restantes que foram reparadas, acham-se inutilizadas por terem as caldeiras queimadas e outras avarias de importância. Aos indivíduos que acreditam nas afirmações das notas oficiais da D. G. T., tem entregue as remessas para transporte, durante os últimos dias, tem sido ocasionados graves prejuízos e perdas consideráveis, por extravio, retenção e arrombamento das suas mercadorias. Aos que transitam nos comboios e deles se utilizam para transportes de remessas, tem sido extorquidas importâncias, a todos os títulos, que não tem dado entrada nos cofres da Administração. O descabimento e a confusão lavram com toda a intensidade no Sul e Sueste e Minho e Douro, sem que isso incomode o governo, que mantém a sua intransigência confiada nas providências militares, apenas aproveitáveis, em tempo de guerra, quando todas as vontades se conjugam e não quando essas providências se manifestam, contra trabalhadores honestos, que apenas lutam pelo respeito dos seus direitos e pela conquista do pão.

O horário anunciado pela D. G. T. não poderá ser posto em execução porque lhe falta o material e o pessoal necessário para o fazer, pois que isso implicaria uma normalização completa de serviços, que não se observa nem se observará enquanto durar a greve.

### Operários alfaiates

Com a concorrência costurada, realizaram-se ontem a assembleia da classe a qual decorreu em clima de entusiasmo. Lida a acta foram nomeadas duas comissões para irem saúdar em nome da classe as associações dos Fabricantes de Armas e Officinas Acessórias e Conductores de Carroças, respectivamente, nos seus 28.º e 10.º aniversários. Foi lida e apreciada a nota do comité e votada uma proposta que conclui por convidar a classe a comparecer na sede deste sindicato, rua dos Faneiros, 30, 2.º, pelas 8 horas de hoje (manhã).

Apreciação-se a marcha do movimento, verificando-se que o moral da classe é o melhor possível, pois que a chamada dos industriais não compareceu pessoal para a laboração das oficinas, encerrando-se a sessão aos vivos à greve geral da classe, C. G. T., Batalha, etc.

Hoje, volta a classe a reunir na sede do sindicato às 8 horas da manhã. Pedem-nos a publicação da seguinte nota:

Camadas: É hoje o momento em que é necessária a máxima manifestação de consciência, em nome da classe, dando o nosso máximo apoio ao movimento dos senhores industriais.

O Comité que nesta ocasião saíra a classe, na maneira em que se tem mantido, lembra que hoje é o dia em que se há de demarcar a nossa atitude, não retomando o trabalho sem que justiça seja feita com a satisfação da classe e a sua confiança no nosso triunfo, que não se fará esperar muito tempo, porque assim demonstramos que a classe, já não está disposta a trabalhar morrendo de fome.

Viva a greve geral da classe dos operários alfaiates.

### Operário municipais

Continuam as arbitrariedades praticadas pelas forças que estão guardando as abogorias, pois foi esbofetado um camarada pelo segundo sargento Mário, do 1.º grupo da administração militar, que ainda não consente por este heroísmo levou preso, e de pistola em punho, outro camarada que se revoltou contra semelhante acto. Será por esta forma que querem que os operários municipais retomem o trabalho?

Do comité receberam a comunicação seguinte:

Encontra-se o nosso movimento na mesma situação do primeiro dia, demonstrando assim a tenacidade e o desejo de espelhar os operários municipais.

Não devemos, porém, recuar tal atitude porque não é fácil esmagar uma classe que tem demonstrado tanta solidariedade, e continuando assim podemos contar com a nossa vitória porque a união faz a força.

Camadas: É hoje segunda-feira, dia em que os senhores vereadores estão esperando, em nome da classe, a nossa vitória, e este comité lembra que o caminho que devemos continuar seguindo, porque quanto mais se prolongar o nosso movimento mais desanimados se tornam os nossos adversários.

Devemos continuar mostrando a tais senhores, que os operários municipais não se acobardam a essas tentativas empregadas para nos esmagar, tanto pela verificação como também pelo governador civil em não consentir as nossas reuniões, mas podem esses senhores ficar certos que jamais os operários se entregaram em nome de algumas atitudes nas suas reivindicações.

Este comité lembra a todos os camaradas para que repudiam todas as comissões ilegais que aparecem, acusando os responsáveis desta questão, que não é nada mais do que o nosso órgão A Batalha publica, para não se dar o caso que se está dando com os camaradas do Matadouro, sendo responsáveis desta questão, que não é nada mais do que a comissão ilegal que os arreata a tal situação. Mas esses camaradas ainda estão a tempo de se salvar de tanta crítica, não a aceitarem e dando a sua confiança ao comité que continua dirigindo o movimento, porque quem se tem mantido em uma luta tão honrosa como esta tem de obter, certamente, a vitória, porque ele será um facto.

Vivam as classes dos operários municipais em greve e a organização em geral.—O Comité Central.

**Aviso às camaradas calceiteiros**

Por este meio ficam avisados todos os camaradas desta especialidade para que não oiam no logro preparado pela Câmara e Companhia das Águas, pois que amitam pessoal para fazerem o calcetamento de valas abertas em algumas ruas da cidade.

A fim a prevenção para que acatem com o critério digno da classe.—O COMITÉ CENTRAL.

## A BATALHA

no Porto

Uma imponente manifestação fúnebre que provoca um imponente aparato bélico

PORTO, 25. — C. — Ontem, como tinha sido anunciado, efectuou-se o enterro do ferroviário António de Jesus Almeida, que em Cima de Vila, na ocasião em que defendia um irmão vítima duma agressão por parte dum grupo de desordeiros, fora alvejado por três tiros disparados por um marinheiro de nome António de Sousa.

A vítima era multifido estmada pela classe ferroviária e mesmo por outras classes operárias, visto ser corceto, bondoso e firme nas pugnas da classe a que pertencia. O cortejo fúnebre, da morgue para Campanhã, de onde foi o fêreco para Santo Amaro, resultou imponente, incorporando-se nele mais de 6.000 pessoas. O caixão ia coberto com a bandeira da Associação dos Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar, por não poder ser com a bandeira da União Ferroviária, presa à ordem da polícia na sede daquela colectividade encerrada. No cortejo, tanto se ostentava a bandeira do Sindicato Unico da Construção Civil.

Tratava-se, como se vê, dumas derradeiras homenagens a um estimado operário ferroviário, às quais se associaram, além de milhares de operários de diferentes classes, algumas entidades superiores do M. e D. Coisa pacífica, comovimento e respeitável, que se impôs pelo seu número e significado. Mas as autoridades, porém, sempre prevendo coisas terríveis e catastróficas, julgou que os ferroviários, que acorreram em massa ao enterro, iriam tirar partido do momento solene.

Suportaram os inteligentes mantenedores das instituições actuais, que do funeral do operário António de Jesus Almeida saísse a revolução social, como do funeral do general Lamerque saíra a explosão republicana de Junho de 1832, em Paris! E como tal pensassem, ofereceram-nos um grandioso e terrífico aparato bélico: lateralmente, de 7 a 7 passos, estava um civico até Campanhã, além da polícia de segurança e outros agentes. Em campanha, era tal o movimento de polícia e guarda, que dir-se-ia ter chegado Koltchack!

Muito medrosas as nossas autoridades! E já que se fala em temeridades, cabe mesmo aqui comunicar-vos mais o seguinte: ontem, na sede do sindicato dos perários alfaiates, efectuou-se uma sessão solene inaugurando-se as aulas de corte.

Falaram, como é de uso, vários camaradas, não só se referindo à educação profissional do operariado, que deve ser cultivada o mais que se possa, como movimento social que vai operando no mundo. Pois quando estava quase a sessão terminada, surgiram dois grupos policiais, armados de carabina, e comandados por dois chefes, os quais, depois de haverem galgado dois andares, pretenderam prender todos os assistentes. Chegaram, no entanto, às boas, ficando a direcção do sindicato de ir ao commissariado declarar que não se tratava de complot revolucionário!

Assim terminou o dia de domingo... cheio de pezadelos para os mandões da cidade.

**Os comerciantes de Evora**

querem fazer baixar

o custo da vida

Comentários poucos. Queiram os leitores ler a moção que abaixo publicamos e que nos foi enviada pela Associação Commercial de Evora:

«A classe comercial de Evora, expressamente reunida para resolver sobre a forma de contribuir para o barateamento dos artigos e géneros de uso ou consumo indelével;

Considerando que a situação económica do país é de cada dia mais grave;

Considerando que assim não é possível a continuação da vida nacional e que ao comércio, como principal agente e factor da situação, cabe e cumpre agir para que em breve tenha a modificar-se;

Considerando que o excesso egoísta de que a guerra nos conduziu reside — a par da manifesta insuficiência de produção — por ventura, se não a causa determinante, uma grande parte do mal que todos atinge;

Considerando que só com a boa vontade e abnegação dos homens com interesses ligados ao regular funcionamento da sociedade ela pode caminhar, desenvolvendo-se a dentro do respeito e liberdade que a todos nós devemos, resolve:

1.º Limitar os seus lucros, desde o próximo dia 1 de novembro a uma percentagem compatível com a esfera e qualidade do seu comércio.

2.º Não comprar fazendas ou artefactos por preços superiores aos que actualmente já tem.

3.º Solicitar das associações industriais, agrícolas e sindicatos acção idêntica junto dos seus associados.

4.º Circular a todas as associações congêneres e imprensa comunicando-lhes as deliberações aqui tomadas e pedindo-lhes que os secundem em benefício da economia nacional.

5.º Nomear uma comissão que perante o sr. governador civil vá dar-lhe conhecimento do que aqui se resolveu e, ao mesmo tempo, pedir-lhe que a bem do abastecimento do concelho seja para este reservada a quantidade de azeite indispensável ao seu consumo.

Não duvidando da sinceridade da assembleia que aprovou a moção, que acima damos a estampo, aventuramo-nos a repetir o que já aqui algumas vezes temos explicada: A sociedade capitalista dando largas a ganância desmedida aproxima-se velozmente da sua queda. Uma única tática a pode retardar — a restrição de lucros, que proporcionará um relativo bem-estar a quem trabalha, acalmando-lhe o ímpeto revolucionário.

E provável, é mesmo quasi fatal, que a ganância seja mais forte do que a boa tática de forma que a iniciativa dos comerciantes de Evora ficará inutilizada.

No entanto... quem viver verá.

## TORQUEMADA EM ACÇÃO

Mais camaradas presos

Os esbirros do Santo Officio moderno continuam na sua faina

Não paus que tem uma lei separando a igreja do estado mas que mantém uma delegação junto do Vaticano que tem governantes rotulados de livre-pensadores, liberais, anti-reacionários, consentindo na realização de manifestações clericais; não admira que os possuidores de ideias modernas, os defensores duma nova doutrina, mais racional, mais pura, mais elevada, sejam constantemente perseguidos e encarcerados.

Os governantes, as autoridades, estão no seu papel. Todos os governantes e todas as autoridades são assim. Não tem mais no cérebro. Cumprem o seu dever, aguentando a caranguejo burguesa, cambaleante, prestes a derruir. Cumprem o seu dever, porque uns e outros nunca pensaram doutro forma: sempre foram jesuitas, reacionários, embora mascarando-se de princípios novos para armar à popularidade e conseguirem postos de destaque donde possam exteriorizar a sua vaidade.

Uma vez senhores do bastão autoritário, amoldam-se àquelles que combatiam, fazem-no mesmo seus aliados, para perseguir ferómente os que adulavam.

Não haja dúvidas sobre isto. De há muito que o jogo está descoberto, mas agora mais ainda se manifesta pelo que se vem apreciando dia a dia. Combinam-se os reacionários com os seus inimigos de ontem para uma guerra sem tréguas aos que tem ideias de emancipação.

Como nos tempos de Torquemada, os esbirros procuram as vítimas em suas casas, de madrugada, quando dormem dum dia cheio de trabalho, de esgotamento físico. Conduzem-nos às masmorras, sem ar, sem luz, sem higiene. Ai os conservam dias sobre dias, meses sobre meses, sem um facto único que justifique tão longo cativeiro. Mal alimentados, quantas vezes agredidos selvaticamente a cavalo marinho, fazendo-os sofrer moralmente, quando são restituídos à liberdade, sem culpa alguma lhes houverem encontrado, porque, ao prenderem-nos, sabem muito bem que em nada estão culpados, já não são àquelles homens cheios de vigor, cheios de saúde, mas sombras humanas, esqueletos vivos, pois a tuberculose, todas as doenças mortíferas os atacaram durante o longo período da prisão.

As companheiras, os filhos, vão-se também lentamente deprimindo, porque havendo-lhes faltado o único amparo, o braço que para eles ganhava, passam fome, são obrigados a viver na miséria. E quando o marido, o pai, recolhe a casa, a par da alegria natural por o verem em sua companhia, surge-lhes o aspecto cadavérico, o olhar que impede de continuar a ganhar o pão de cada dia. E a fome, e a miséria, e o deprimimento, segue o seu rumo, pouco a pouco arruinando, ceifando toda a família.

Mas isto convém aos Torquemadas. Isto mesmo é o que desejam, e por isso o provocam, os governantes de todas as espécies. O seu intuito, já não podem enfrentar cara a cara, lealmente, a ideia que avança; não sabendo, não querendo fazer desaparecer as causas da revolta que a todos traz indignação; dando o braço ao reacionarismo, sempre pronto a impôr a sua acção, o seu intuito é esmagar todos aqueles que impavidamente lhe apontam os erros, os crimes.

Cerraram, pois, fileiras, perseguindo agora a classe operária com mais furor do que nunca. Servem-se de todos os meios, de todos os pretextos, os mais indignos, os mais revoltantes. E' preciso mostrar aos burgueses que defendem que algo existe de perigoso. E' preciso mostrar ao pais ignorante o motivo porque se gastam milhares de contos. E os eternos escravidos, os trabalhadores honestos, são o bode expiatório de todas as artimanhas e de todas as canalhices.

As cadeias de cada vez recebem mais homens que trabalham. Para todos os pontos são mandados os esbirros, creaturas que nada produzem senão o mal-estar, para prender e prender. Por nada. Por cousa alguma.

Ontem, de manhã, em suas casas, foram presos, encontrando-se no governo civil, os camaradas Armando dos Santos, no calabouço n.º 5; Edmundo Vaz, n.º 6; Joaquim Francisco, Carlos Marx Ferreira e José de Sousa, no n.º 7; e Aníbal Maria Borges, no n.º 8. Também nos mesmos calabouços se encontram os camaradas Silvio Cruz e José Martins Grilo, vindos de Santarém.

Dizem-nos que mais camaradas foram ontem presos, mas não nos comunicaram ainda os seus nomes.

A junta aos que já por essas masmorras se acham, é um número considerável.

Poderá continuar isto assim? A liberdade de cada um pode ser espelhada por qualquer esbirro?

Não pode nem deve consentir-se. Um povo que se tem batido por ideais de democracia não se deixará esmagar.

**JUVENILIDADES SINDICALISTAS**

Núcleo do Setúbal. — Convidam-se a reunir hoje, pelas 22 horas, as comissões administrativas, de propaganda e o conselho fiscal, para tratar de assuntos importantes pedindo-se que ninguém falte.

**Rendimento dos operários**

Faleceu no banco do hospital de S. José, pouco tempo depois de ter sido entrada, Francisco Nunes, de 53 anos, trabalhador natural das Caldas da Rainha e residente no Campo de Santa Clara, 101.º, que na fábrica do Conde do Ponte foi colido pelo volante de uma máquina, ficando com a perna direita esmagada.

No banco do hospital de S. José recebeu o ferido Artur Martins, carreiro residente na rua da Guia, 4.º, 2.º, que na mesma rua foi mordido por uma muar na orelha direita.

**Funerais**

Realiza-se hoje, pelas 15 horas, o funeral da sr.ª Maria Júlia, mãe do camarada Francisco Vitor, vindo do precatório da rua de S. Ciro, 142, 2.º.

**Que morrem**

O conferente, que por vezes, com algumas passagens chistosas, com algumas aliterações, fez um final muito agradável. E assim terminou esta bela festa que coroou o trabalho dos corpos gerentes da Associação do Classe das Fabricantes de Armas e Officinas Acessórias e Conductores de Carroças, e a ela assistiram.

**COMUNICAÇÕES**

Manipuladores de aço. — Reúnia a directoria, que tratou diversos assuntos de interesse para a classe, entre os quais a forma como os vendedores tem sido violentados pelo povo, o que é para lastimar, porque os vendedores não são culpados da falta de existência, porquanto desastrosa só é culpada a momeia e a panificação, pois não coem o pão de 2.º para assim poder vender o fino. Mais tomos conhecimento de uma manifestação feita pelo discipulo e seu irmão fiscal de produção, a um nosso camarada, na rua da Escola Politécnica, que pretendiam fazer-lhe pagar a quantia de 1000, que lhes disseram ter dado de gorjeta a dois fiscais das subsistências por certos trabalhos que eles tencionavam fazer para que fosse occultado, e, como o nosso camarada não se recusou, os dois fiscais puxaram das pistolas, ameaçando-o e despedindo-o por esse único motivo, esperando que essa violência não se repetia.

Operários de Carboníferos. — Reúnia a Comissão de Melhoramentos para apreciar um conflito suscitado na casa João Teodoro da Costa. Foi resolvido enviar-vos a casa do Sr. Teodoro para ver a situação. Já conquistada, embora o pessoal não abduque das reclamações da classe, em negociações com os industriais.

**CONVOCAÇÕES**

Sindicato Unico Mobilário. — Comissão administrativa. — Continua este sindicato a tratar de assuntos de interesse para a classe, procurando conseguir a libertação do nosso camarada Grilo, arbitrariamente preso em Santarém vítima dumam infamidade policial. Ontem foi discutido o caso do Sr. Grilo, a este camarada, encontrando-se actualmente no governo civil, calabouço n.º 6.

Na próxima quarta-feira reúne a assembleia geral para tratar de assuntos de interesse para a classe, pois que se prende com a infamidade do Sr. Grilo, tase aprovada no Congresso de Coimbra.

A comissão revisora de contas reúne hoje, pelas 21 horas, para elaborar o seu parecer.

## A BATALHA

no Porto

Uma imponente manifestação fúnebre que provoca um imponente aparato bélico

PORTO, 25. — C. — Ontem, como tinha sido anunciado, efectuou-se o enterro do ferroviário António de Jesus Almeida, que em Cima de Vila, na ocasião em que defendia um irmão vítima duma agressão por parte dum grupo de desordeiros, fora alvejado por três tiros disparados por um marinheiro de nome António de Sousa.

A vítima era multifido estmada pela classe ferroviária e mesmo por outras classes operárias, visto ser corceto, bondoso e firme nas pugnas da classe a que pertencia. O cortejo fúnebre, da morgue para Campanhã, de onde foi o fêreco para Santo Amaro, resultou imponente, incorporando-se nele mais de 6.000 pessoas. O caixão ia coberto com a bandeira da Associação dos Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar, por não poder ser com a bandeira da União Ferroviária, presa à ordem da polícia na sede daquela colectividade encerrada. No cortejo, tanto se ostentava a bandeira do Sindicato Unico da Construção Civil.

Tratava-se, como se vê, dumas derradeiras homenagens a um estimado operário ferroviário, às quais se associaram, além de milhares de operários de diferentes classes, algumas entidades superiores do M. e D. Coisa pacífica, comovimento e respeitável, que se impôs pelo seu número e significado. Mas as autoridades, porém, sempre prevendo coisas terríveis e catastróficas, julgou que os ferroviários, que acorreram em massa ao enterro, iriam tirar partido do momento solene.

Suportaram os inteligentes mantenedores das instituições actuais, que do funeral do operário António de Jesus Almeida saísse a revolução social, como do funeral do general Lamerque saíra a explosão republicana de Junho de 1832, em Paris! E como tal pensassem, ofereceram-nos um grandioso e terrífico aparato bélico: lateralmente, de 7 a 7 passos, estava um civico até Campanhã, além da polícia de segurança e outros agentes. Em campanha, era tal o movimento de polícia e guarda, que dir-se-ia ter chegado Koltchack!

Muito medrosas as nossas autoridades! E já que se fala em temeridades, cabe mesmo aqui comunicar-vos mais o seguinte: ontem, na sede do sindicato dos perários alfaiates, efectuou-se uma sessão solene inaugurando-se as aulas de corte.

Falaram, como é de uso, vários camaradas, não só se referindo à educação profissional do operariado, que deve ser cultivada o mais que se possa, como movimento social que vai operando no mundo. Pois quando estava quase a sessão terminada, surgiram dois grupos policiais, armados de carabina, e comandados por dois chefes, os quais, depois de haverem galgado dois andares, pretenderam prender todos os assistentes. Chegaram, no entanto, às boas, ficando a direcção do sindicato de ir ao commissariado declarar que não se tratava de complot revolucionário!

Assim terminou o dia de domingo... cheio de pezadelos para os mandões da cidade.

**Os comerciantes de Evora**

querem fazer baixar

o custo da vida

Comentários poucos. Queiram os leitores ler a moção que abaixo publicamos e que nos foi enviada pela Associação Commercial de Evora:

«A classe comercial de Evora, expressamente reunida para resolver sobre a forma de contribuir para o barateamento dos artigos e géneros de uso ou consumo indelével;

Considerando que a situação económica do país é de cada dia mais grave;

Considerando que assim não é possível a continuação da vida nacional e que ao comércio, como principal agente e factor da situação, cabe e cumpre agir para que em breve tenha a modificar-se;

Considerando que o excesso egoísta de que a guerra nos conduziu reside — a par da manifesta insuficiência de produção — por ventura, se não a causa determinante, uma grande parte do mal que todos atinge;

Considerando que só com a boa vontade e abnegação dos homens com interesses ligados ao regular funcionamento da sociedade ela pode caminhar, desenvolvendo-se a dentro do respeito e liberdade que a todos nós devemos, resolve:

1.º Limitar os seus lucros, desde o próximo dia 1 de novembro a uma percentagem compatível com a esfera e qualidade do seu comércio.

2.º Não comprar fazendas ou artefactos por preços superiores aos que actualmente já tem.

3.º Solicitar das associações industriais, agrícolas e sindicatos acção idêntica junto dos seus associados.

4.º Circular a todas as associações congêneres e imprensa comunicando-lhes as deliberações aqui tomadas e pedindo-lhes que os secundem em benefício da economia nacional.

5.º Nomear uma comissão que perante o sr. governador civil vá dar-lhe conhecimento do que aqui se resolveu e, ao mesmo tempo, pedir-lhe que a bem do abastecimento do concelho seja para este reservada a quantidade de azeite indispensável ao seu consumo.

Não duvidando da sinceridade da assembleia que aprovou a moção, que acima damos a estampo, aventuramo-nos a repetir o que já aqui algumas vezes temos explicada: A sociedade capitalista dando largas a ganância desmedida aproxima-se velozmente da sua queda. Uma única tática a pode retardar — a restrição de lucros, que proporcionará um relativo bem-estar a quem trabalha, acalmando-lhe o ímpeto revolucionário.

E provável, é mesmo quasi fatal, que a ganância seja mais forte do que a boa tática de forma que a iniciativa dos comerciantes de Evora ficará inutilizada.

No entanto... quem viver verá.

**Funerais**

Realiza-se hoje, pelas 15 horas, o funeral da sr.ª Maria Júlia, mãe do camarada Francisco Vitor, vindo do precatório da rua de S. Ciro, 142, 2.º.

**Que morrem**

O conferente, que por vezes, com algumas passagens chistosas, com algumas aliterações, fez um final muito agradável. E assim terminou esta bela festa que coroou o trabalho dos corpos gerentes da Associação do Classe das Fabricantes de Armas e Officinas Acessórias e Conductores de Carroças, e a ela assistiram.

## Últimas notícias

no Porto

Uma imponente manifestação fúnebre que provoca um imponente aparato bélico

PORTO, 25. — C. — Ontem, como tinha sido anunciado, efectuou-se o enterro do ferroviário António de Jesus Almeida, que em Cima de Vila, na ocasião em que defendia um irmão vítima duma agressão por parte dum grupo de desordeiros, fora alvejado por três tiros disparados por um marinheiro de nome António de Sousa.

A vítima era multifido estmada pela classe ferroviária e mesmo por outras classes operárias, visto ser corceto, bondoso e firme nas pugnas da classe a que pertencia. O cortejo fúnebre, da morgue para Campanhã, de onde foi o fêreco para Santo Amaro, resultou imponente, incorporando-se nele mais de 6.000 pessoas. O caixão ia coberto com a bandeira da Associação dos Carregadores e Descarregadores de Terra e Mar, por não poder ser com a bandeira da União Ferroviária, presa à ordem da polícia na sede daquela colectividade encerrada. No cortejo, tanto se ostentava a bandeira do Sindicato Unico da Construção Civil.

Tratava-se, como se vê, dumas derradeiras homenagens a um estimado operário ferroviário, às quais se associaram, além de milhares de operários de diferentes classes, algumas entidades superiores do M. e D. Coisa pacífica, comovimento e respeitável, que se impôs pelo seu número e significado. Mas as autoridades, porém, sempre prevendo coisas terríveis e catastróficas, julgou que os ferroviários, que acorreram em massa ao enterro, iriam tirar partido do momento solene.

Suportaram os inteligentes mantenedores das instituições actuais, que do funeral do operário António de Jesus Almeida saísse a revolução social, como do funeral do general Lamerque saíra a explosão republicana de Junho de 1832, em Paris! E como tal pensassem, ofereceram-nos um grandioso e terrífico aparato bélico: lateralmente, de 7 a 7 passos, estava um civico até Campanhã, além da polícia de segurança e outros agentes. Em campanha, era tal o movimento de polícia e guarda, que dir-se-ia ter chegado Koltchack!

Muito medrosas as nossas autoridades! E já que se fala em temeridades, cabe mesmo aqui comunicar-vos mais o seguinte: ontem, na sede do sindicato dos perários alfaiates, efectuou-se uma sessão solene inaugurando-se as aulas de corte.

Falaram, como é de uso, vários camaradas, não só se referindo à educação profissional do operariado, que deve ser cultivada o mais que se possa, como movimento social que vai operando no mundo. Pois quando estava quase a sessão terminada, surgiram dois grupos policiais, armados de carabina, e comandados por dois chefes, os quais, depois de haverem galgado dois andares, pretenderam prender todos os assistentes. Chegaram, no entanto, às boas, ficando a direcção do sindicato de ir ao commissariado declarar que não se tratava de complot revolucionário!

Assim terminou o dia de domingo... cheio de pezadelos para os mandões da cidade.

**Os comerciantes de Evora**

querem fazer baixar

o custo da vida

Comentários poucos. Queiram os leitores ler a moção que abaixo publicamos e que nos foi enviada pela Associação Commercial de Evora:

«A classe comercial de Evora, expressamente reunida para resolver sobre a forma de contribuir para o barateamento dos artigos e géneros de uso ou consumo indelével;

Considerando que a situação económica do país é de cada dia mais grave;

Considerando que assim não é possível a continuação da vida nacional e que ao comércio, como principal agente e factor da situação, cabe e cumpre agir para que em breve tenha a modificar-se;

Considerando que o excesso egoísta de que a guerra nos conduziu reside — a par da manifesta insuficiência de produção — por ventura, se não a causa determinante, uma grande parte do mal que todos atinge;

Considerando que só com a boa vontade e abnegação dos homens com interesses ligados ao regular funcionamento da sociedade ela pode caminhar, desenvolvendo-se a dentro do respeito e liberdade que a todos nós devemos, resolve:

1.º Limitar os seus lucros, desde o próximo dia 1 de novembro a uma percentagem compatível com a esfera e qualidade do seu comércio.

2.º Não comprar fazendas ou artefactos por preços superiores aos que actualmente já tem.

3.º Solicitar das associações industriais, agrícolas e sindicatos acção idêntica junto dos seus associados.

4.º Circular a todas as associações congêneres e imprensa comunicando-lhes as deliberações aqui tomadas e pedindo-lhes que os secundem em benefício da economia nacional.

5.º Nomear uma comissão que perante o sr. governador civil vá dar-lhe conhecimento do que aqui se resolveu e, ao mesmo tempo, pedir-lhe que a bem do abastecimento do concelho seja para este reservada a quantidade de azeite indispens